

Medicina e Pesquisa

José Silveira

"La ciencia, es la dignidad de la Universidad, más aun-porque, al fin y al cabo, no hay quien vive sin dignidad que es el *alma* de la Universidad, el principio mismo que le nutre de vida e impide que sea solo un vil mecanismo"

Ortega y Gasset

Andávamos todos satisfeitos e felizes com os reiterados acertos do Magnífico Reitor Macêdo Costa, quando, não fugindo às contingências humanas, cometeu ele o seu primeiro erro: convocar-me para pronunciar esta aula em ambiente tão responsável, quando a nossa Universidade comemora seus 35 anos de fundação e numa hora de tanta significação para os destinos da cultura brasileira. Lição, a um tempo, análise de fatos concretos e mensagem de esperança, pela transcendência da sua própria natureza, é tarefa pesada demais para meus ombros.

Aula inaugural do Ano Letivo da Universidade Federal da Bahia. 5 de março de 1981

Universitas (30): 3-16, maio/ago. 1982

Se, desse jeito me pronuncio, não o faço, como é comum, levado por insincera modéstia ou ensaiada matreirice; mas, porque, há muitos anos aposentado, longe, portanto, dos últimos acontecimentos escolares, sinceramente, tenho medo de ficar perdido nas malhas nostálgicas do passado, ou insistir em temas desatualizados e desinteressantes, tornando-se fátua, desnecessária e inútil minha palavra.

Do pecado dessa escolha, só consigo absolver o Reitor Magnífico, porque sei ter sido a sua decisão inspirada na circunstância, sagrada para mim, de haver sido leal amigo e eterno devedor do seu querido pai. Carregado o cérebro de idéias e o espírito em franca ebulição, nos fervores naturais da mocidade, entendi de introduzir, aqui, técnicas cirúrgicas e manobras médicas que, com sacrifício, aprendera no Velho Mundo. Numa reação, compreensível nos centros acanhados, fecharam-se para mim todas as portas. Mario Macedo Costa, aquele médico polido, discreto, sereno e bondoso, que conheci na intimidade da família Torres, sem dar ouvidos a malévolas insinuações, pôs-se inteiramente ao meu lado. E, arriscando seu nome e seu prestígio pessoal, dentro da sua grande independência de caráter, assumiu integral responsabilidade dos meus atos. Juntos e irmanados, passamos a trabalhar, noite e dia, quase clandestinamente, no pequenino isolamento do Hospital Espanhol, sob sua direção e carinhosamente cuidado pelas mãos sacrossantas de Irmã Mônica.

Tem esta aula inaugural, portas a dentro deste auditório, uma história relativamente curta. Para os mais antigos, no entanto, vem ela de muito mais longe. Porque, em tudo, semelhante às clássicas "orações de abertura", pronunciadas por eminentes mestres, na austeridade do "Salão Nobre" da velha Escola do Terreiro. De uma delas até não me pude esquecer nunca: aquela em que Prado Valladares - com a franqueza e o espírito crítico, que lhe eram familiares - tentando encontrar um caminho para sustar a decadência do ensino, já nitidamente configurada, achou de sugerir a adoção da fórmula: "não pagar ao professor que não trabalha e não aprovar o aluno que não sabe". Imprevisível foi a revolta dos seus pares, a uma recomendação tão lógica e natural. O mundo veio abaixo. Como se tratar de matéria tão vil, primária e vulgar, numa hora de conagração e de festa, indagaram as grandes vestais do respeitável Templo? ...

Parece até que o erudito professor, conhecendo bem o seu meio, pressentira a tempestade; porque, de saída, foi logo confessando sua antipatia por aquele tipo de discurso. Com ele não simpatizava porque vinha substituir a publicação da "Revista dos Cursos" e da "Memoria Historica", tão úteis e louváveis documentos, lamentavelmente desaparecidos. Diretamente, condenava aquela oratória, por lhe dar a impressão - são suas as palavras - de "uma

locomotiva que não marcha porque consome as vantagens motrizes da pressão do seu vapor na inaniidade atordoante de um apitar sem promessas de acabamento". E, entre irônico e mordaz: "os discursos este discurso, na sua ineficácia costumeira, ali não são, que assopro mais ou menos bem estridulado; contudo, se me perdoardes a vulgaridade do confronto, no final das contas ... um simples apito".

Sob o impacto desta contundente crítica - até hoje nítida aos meus ouvidos - fico a undagar, de mim para mim mesmo, nesta hora e desta tribuna, se vanilôquas também não serão minhas palavras; se não serão elas, igualmente, um sopro, um apito, um ruído mais ou menos dissonante !!! Tranquílizo-me, apenas, por estar certo de duas cousas: não ter a intenção de criticar quem quer que seja; não sugar remédios ou providências salvadoras.

Para nos entretermos hoje, resolvi cuidar, com humildade e sem pretensão, bem se vê, de alguns problemas relativos à pesquisa biomédica; não só porque lidei com ela por mais de quatro décadas, como também por acreditar que muita coisa nela contida, ampla e multiplicadamente, se reproduz nos outros campos do conhecimento.

Como são frágeis, nada vigorosas as minhas asas, não voarei para os céus distantes das doutrinas e das teorias - onde, tantas vezes, - têm pontificado as grandes figuras médicas do país. Prefiro ficar - correndo o risco da vulgaridade - no terraterro dos fatos concretos, tentando mostrar como essa investigação tem sido vista e tratada em nosso meio; de que elementos nos temos socorrido para servi-la; que embaraços e obstáculos somos obrigados a vencer, dentro do primarismo reinante, e na penúria aflitiva dos nossos recursos financeiros.

Aqui também não é cômoda a minha posição. Estivesse em plena atividade didática e lhes poderia dizer, com maior segurança, o que se vem passando pela nossa Universidade. Confinado às paredes do meu modesto Instituto, com todos os inconvenientes de uma organização pobre e de iniciativa privada, só poderei contar o que lá se passou e se passa ainda ... Por isso, vale, desde já, destacar, que os fatos aqui assinalados e as considerações deles decorrentes, dizem respeito unicamente à investigação científica naquele pequeno núcleo. Inexpressivos, por consequência, os confrontos que se queiram estabelecer com centros melhor equipados, financiados por organizações nacionais ou estrangeiras poderosas - não raro na base do dólar - onde sobram recursos materiais e não faltam valores humanos, tão abundante o seu respaldo econômico.

* * *

Uma primeira palavra sobre o campo da nossa experiência parece absolutamente indispensável: porque através do relato das dificuldades da sua implantação, do seu funcionamento, é que

poderei mostrar os tropeços que encontrará quem, entre nós, por conta própria, queira seguir as veredas difíceis da investigação científica.

Recém-chegado da Alemanha, com vontade de pôr em prática o que observara por lá, estimulado, além disso, pelas idéias de Ludolf Brauer, sobre as conquistas dos "Medizinische Forschungsinstitute" (institutos de investigação médica), entendi de fundar, em nossa terra, um centro científico desse feitio, que, no meu ingênuo entender, era perfeitamente exequível, por ter como propósito estudar apenas uma doença, a tuberculose. Isso me parecia tanto mais fácil, quanto - Oh! santa ignorância - acabava de ver como homens comuns, até mediócrs, nos seus laboratórios simples e modestos, davam interessantes contribuições à Ciência. Esquecera-me, tão somente, do principal, da base segura, culta e secular, em que todos se apoiavam.

Contra minha iniciativa, mui sensatamente, fui advertido. Tal empreendimento, diziam os realistas, nas condições ainda primitivas da Bahia, não passaria de um sonho, de uma verdadeira utopia. Eu próprio senti que esse não seria o melhor caminho: mas era o único, que se me apresentava, para atender aos insistentes reclamos de Nina Rodrigues, no começo do século, repetidos por mestres ilustres, que a ele se seguiram, em favor da pesquisa médica, inteiramente desprezada na Bahia.

Para justificar tão lamentável lacuna, defendiam os mais atilados, a tese de que as Faculdades não eram feitas para criar conhecimentos, fazer descobertas ... Recordo-me que, em 1945, por ocasião do Congresso de Medicina Social de Após Guerra, fui acerbamente criticado, por um auditório em peso, somente por ter afirmado que, entre os locais de pesquisa, não poderiam deixar de estar as cátedras. Argumentou-se, nessa ocasião, que isso não seria possível pelo natural antagonismo entre as personalidades do professor e do homem de ciência. O primeiro - enfaticamente se repetia - tinha que ser uma pessoa extrovertida, com palavra fácil e encantadora, eloqüente e vibrátil, de simpatia irradiante e comunicação fácil. O outro, ao contrário, um introvertido, arredio, bizarro e bizonho, desligado do mundo, asceticamente dedicado à incessante busca da verdade ...

Dessa linha de pensamento, sem tais exageros, é claro, também se aproximava Ortega Y Gasset, ao insistir em que "es cosa tan alta la ciencia, que es delicadísima - y quiera o no - exclue de si el hombre medio. Implica una vocación peculiarísima y sobremanera infrecuente en la especie humana". "El científico viene a ser", conclui "el *monje* moderno". Contra essa opinião falam as circunstâncias de não estar mais esse tipo de trabalho na dependência exclusiva de uma só pessoa e o fato de não serem assim felizmente tão escassos esses *monjes* ...

Numa coisa, porém, tem absoluta razão o grande filósofo espanhol: é na condenação à falta de *autenticidade* de certas Universidades que incluem em seus Propósitos básicos a prática da investigação científica e não o fazem ou se a executam é de modo precário, desordenado e improdutivo. Com ele também concordo inteiramente, quando afirma que "una institución en que se *finje* dar y exigir lo que no se puede exigir ni dar es una institución falsa e desmoralizada".

Para esse perigo é que devemos voltar, com redobrados cuidados, as nossas vistas, no momento atual, quando em *pé de igualdade*, se põem o "Ensino e a Pesquisa" nos programas universitários brasileiros ...

Mas ... não foi em nome de princípios e doutrinas, que as Universidades, a nossa Universidade, puseram de lado a pesquisa científica. Tanto assim que as que dispuseram de recursos materiais e humanos o fizeram e continuamente, como a Faculdade de Medicina de São Paulo.

Diante dessas e outras circunstâncias foi que não se conteve o meu impetuoso quixotismo. Contra "os moínhos de vento", da minha Terra, passaria a lutar, daí nascendo o modestíssimo IBIT.

* * *

Fora mesmo da realidade dominante, teria, obviamente, que procurar um lugar para trabalhar. Patrocinada a idéia pelo então Diretor da Faculdade, cujos professores integravam também o Conselho Consultivo do novo agrupamento, este solenemente instalado, num dos auditórios daquela Escola, era de prever-se que lhe seria dada localização condigna. Infelizmente, as primeiras e entusiásticas promessas logo se transformaram em esquecimento, indiferença e silêncio, quando não em críticas disfarçadas e irônicas.

A muito custo, conseguimos algumas saletas, destinadas a cargas e mercadorias, nos porões do Ambulatório Augusto Viana, então modesta policlínica, transfigurada hoje na beleza desta casa. Eram dependências acanhadas, inabitáveis, mal ventiladas e pior iluminadas, sob constante ameaça das chuvas e enxurradas, pela sua situação abaixo do nível da rua. Nelas, por incrível que pareça, curtindo verdadeira pobreza franciscana e lutando com beneditina paciência, trabalhamos por nove longos anos. E fanatizados, melhor diria, tão fanatizados, quixotizados, que não hesitávamos em defender o princípio de "quem quer pesquisar, pesquisa em qualquer lugar; quem não quer, não pesquisa nunca".

Para sairmos desse paupérrimo abrigo, tivemos que mobilizar a Bahia inteira. O êxito foi completo. Com os recursos obtidos, edificamos a primeira parte do Instituto; Mas ... naquela nesga de terra, apertada entre duas ingremes ladeiras, propriedade da Santa Casa de Misericórdia, que no-la cedeu mediante duríssimas cláusulas

las; ao sopé do Cemitério do Campo Santo, lugar que ninguém queria, pela crença falsa e grande engano de que os mortos são mais perigosos que os vivos ...

Só muitos anos depois, através de repetidas campanhas não menos intensas e lutas redobradas, conseguimos um mínimo conforto: faustosos ambientes se comparados à penúria inicial.

* * *

Garantido o local, veio a peleja para obtenção dos instrumentos de trabalho. Nos primeiros tempos, contávamos apenas com um microscópio, alguma vidraria, poucos reagentes e certo número de cobaias. Nas novas acomodações, é claro, não poderíamos trabalhar, praticamente, de mãos vazias, como até então vínhamos fazendo. Nasceu aí a mais tremenda das batalhas: aquisição, montagem e assistência técnica de aparelhos, cada vez mais delicados, mais complexos, pelo vertiginoso desenvolvimento da Engenharia especializada.

Tão constante, tão presente, angustiante, atual e difícil tem sido a problemática dessa instrumentação, que não resisto à referência de um caso curioso, capaz de nos dar boa lição ...

Como um cliente comum, à prestação, pelo ano de 1946, compramos um singelo equipo radiológico. Sem maiores dificuldades, na instalação, durante todos esses anos funcionou - como ainda funciona - com a mais absoluta regularidade. Se parou, por defeito ou substituição de peças, nunca foi por mais que um mês. Beneficiados com os favores da "Central Evangélica Alemã" - generosa organização, que dispôs suas benemerências pelo Brasil inteiro - tivemos que enfrentar uma terrível burocracia, um monte de papéis, documentos, atestados, vistorias, entrevistas, aqui e na Europa; e somente graças à intervenção benfazeja de Hermann Gørgen, conseguimos, por fim, um moderno, completo e altamente diferenciado conjunto de radiodiagnóstico. Demorada e trabalhosa, sua montagem; penosa e caríssima, vem sendo sua manutenção. Sem razão plausível, adaptam-se mal os controles eletrônicos; desgovernam-se os dispositivos mais finos; alteram-se os televisores ... Sua correção, na maioria das vezes, exige a presença de técnicos especializados do Rio ou de São Paulo, cuja vinda e permanência aqui são integralmente financiadas por nós. Enquanto, com o primeiro, o simples, o primitivo, o custo dessa assistência tem sido praticamente nulo; com o segundo, completo, mecanizado, atual e perfeito - só no ano que passou - dispendemos Cr.\$ 732.081,68, quantia altíssima para nós ...

Com esse paralelo, é claro, não quero, nem de longe, insinuar que devamos evitar a aquisição de aparelhos de precisão, principalmente em se tratando de pesquisa, onde a sofisticação é realmente indispensável. Com este exemplo, chamo, tão só, a atenção dos

menos treinados, para o fato de que não basta comprar o melhor maquinário: é indispensável que as condições do seu funcionamento sejam rigorosamente previstas, ajustadas às possibilidades financeiras dos centros obrigados a mantê-lo; sem o que, corre-se o perigo das interrupções bruscas e freqüentes, altamente nocivas. É que, em país subdesenvolvido, não há como fugir à ditadura do *neo-colonialismo tecnológico* de que nos falam as autoridades da OMS.

* * *

Outra área em que não fomos mais felizes foi na obtenção da mão-de-obra. Jamais contamos com aquele tipo de técnico polivalente, da "laborantin" alemã, que, por lá, presta imensos serviços aos pesquisadores mais exigentes. Aqui tivemos que preparar auxiliares partindo da estaca zero. E quando já o temos em razoáveis condições, fogem das nossas mãos, em busca de serviços particulares, onde são melhor remunerados.

Se o problema era - e ainda é - grave quanto a auxiliares, dramático e torturante, no que se refere à aquisição de pesquisadores capazes. Tentando solucioná-lo, ensaiamos dois caminhos, cada qual com vantagens e inconvenientes: mandar, sob sistema de bolsa, jovens para o exterior; trazer para cá gente competente e idônea.

Com a primeira opção não foi compensadora a nossa experiência. Não por culpa dos bolsistas - na maioria da melhor qualidade - mas pela inexistência de uma estrutura econômica e sobretudo de uma atmosfera cultural, capazes de bem recebê-los e lhes proporcionar as condições estimulantes de trabalho, que encontraram no estrangeiro. Tão séria, por vezes, a inadaptação, que desencantados, desiludidos ou frustrados, logo abandonavam a Bahia; ou aqui ficavam procurando empregos rendosos, onde garantida ficasse sua subsistência e assegurado o cobiçado "status" social; mas, com a anulação total, logo se vê, da sua chama interior, perdidos nos meandros da vida, sem nunca integralmente se realizarem.

Exceção a essa regra - cuja validade poderia comprovar com inúmeros exemplos - fazem os que se socorrem de tais bolsas para aprimoramento de suas habilidades profissionais, médicas ou cirúrgicas, e com elas exercerem a clínica ou se dedicarem ao puro ensino. Mas esse não é absolutamente o caso dos que desejam fazer *carreira científica*, daqueles que foram mordidos pela ânsia da verdade, dos que possuem, como nos aponta Ramon y Cajal: "la independencia mental, la curiosidad intelectual, la perseverancia en el trabajo, la religion de la patria e el amor a la gloria"; predicados inerentes e indispensáveis ao verdadeiro homem de Ciência.

A vinda de estrangeiros, se não foi tão decepcionante, porque mais treinados no trabalho, nos mais diversos países, nem por isso muito nos animou. Homens bem formados nas atividades científi-

cas, dominando os segredos todos do método experimental, ligados a Instituições de reputação universal, sem maiores dificuldades - nem mesmo as do idioma - curiosamente logo se adaptavam. Sérios, dedicados, disciplinados e trabalhadores, jovens na sua maioria - pelo menos os que estiveram conosco - deram exemplos encantadores de amor ao estudo, compreensão do meio, tolerância, respeito, decoro, cordialidade e estima: de tal modo que, dispersos pelo mundo afora, até hoje não se esqueceram de nós. Infelizmente, pelos mais diversos motivos - nem sempre por culpa deles - jamais conseguiram formar um grupo de trabalho, criar uma escola, deixar um simples discípulo. Seus regressos ao país de origem sempre nos deixaram irreparáveis lacunas. As exceções a essa regra - existentes, Deus louvado - foram escassas e de pouca duração.

* * *

Chega-se, finalmente, ao cerne da questão: às exigências econômicas. Obra do sonho e da fantasia, não era para admirar que nenhum de nós ganhasse, nos porões do Canela. Ao contrário, nos cotizavamos, para "nos darmos ao luxo de cultivar a Ciência". Mesmo na sede nova, não foram, logo, muitos os assalariados. Com o tempo, evidentemente, as coisas teriam que mudar. Os auxílios recebidos começavam a não dar para cobrir as despesas; mas assim mesmo ... iam aguentando ... Não tardou a primeira crise. Dela nos libertamos somente quando a Campanha Nacional de Tuberculose e o Governo do Estado, reconhecendo o valor do nosso trabalho, resolveram nos ajudar. Do último recebemos, como doação, alguns milhões de cruzeiros, em apólices do Estado. Acreditava Octávio Mangabeira que, com os juros desses títulos, garantiria a manutenção e a sobrevivência de todo o IBIT por muitos e muitos anos. Não foi longo, porém, esse período de euforia. A inflação começou a corroer nossa base econômica. Juracy Magalhães, tempos depois, tentou uma reavaliação mas foi um mero paliativo. Hoje, a renda mensal - não se espantem - é de Cr\$ 2.500,00, o insuficiente para pagar um salário mínimo. Apelamos para o Governo Antonio Carlos Magalhães, que, certamente, irá melhorar tão precária situação.

Sem patrimônio e rendas próprias, ameaçados de extinção total, empenhamo-nos na grande empresa de construir e fazer funcionar o "Hospital do Tórax". Supúnhamos encontrar, nos seus lucros, o indispensável para entreter os trabalhos de investigação. Àquela altura, já muito prejudicados. Ledo engano. Todo o conjunto para subsistir, trabalha hoje na rotina, simplificada e corriqueira, da Previdência Social, que, nesse imenso esforço, não investiu nada, não sofre os tremendos desgastes administrativos, nem tem, logicamente, maiores compromissos com sua sobrevivência e seu destino.

* * *

Revelando alguns aspectos da longa e dilatada experiência, que nos foi dado viver, na estreiteza e na modéstia, embora do nosso Instituto cuidou ouvir, principalmente dos jovens e dos pouco experimentados: tudo isso aconteceu, porque se tratava de uma organização de iniciativa privada, fruto de apressado e frágil idealismo; sem planejamento adequado, sem prévio estudo de viabilidade econômica, sem gente devidamente preparada, sem infra-estrutura definida e sólida, sem ligação direta com as Universidades ...

Correto se tais tropeços não ocorressem no seio delas próprias. A experiência, no entanto, mostra que, nelas também, as cousas não andam melhor: o que é positivamente de espantar, depois do Decreto-Lei nº 53, de 1966, que assim estabelece:

"cada unidade universitária - Faculdade, Escola, Instituto - será definida como órgão simultaneamente de ensino e de pesquisa, no seu campo de estudos".

Que terá então acontecido, depois de tão formal compromisso? Ficaram solucionados os problemas? Garantido está o trabalho científico? Leia-se o que nos informa a "Avaliação da Implantação da Reforma Universitária", editada aqui na Bahia, em 1975, nove anos depois da famigerada decisão ...

"a pesquisa universitária esteve condicionada a mecanismos de coerção irresistíveis: iniciativa e promoção individuais, prioridade de motivação humanística, carência de recursos financeiros. Raríssimos núcleos conseguiram romper o domínio desses condicionamentos".

Acrescentando-se: "a promoção: da pesquisa ao "Status" de atividade principal equiparada ao ensino, por certo, não efetivada. Ela continua sendo uma atividade secundária e suplementar. É muito significativo que entre as 31 Universidades pesquisadas apenas 4 (UNB, UFPE, UFPE e UFF) afirmam possuírem um "programa geral de pesquisas".

Ficaram estas, limitadas ao programa? Quantas outras o formularam? Quais passaram dos planos à realização? Deu-se igual importância ao ensino e à pesquisa, distribuindo-se-lhes verbas dentro daquele princípio de simultaneidade a que se refere a lei? ...

Não parece, pois Heonir Rocha, que, no momento, realiza uma notável obra de organização da pesquisa, à frente da Pró-Reitoria da nossa Universidade, com sua grande responsabilidade, bem recentemente, informa: "o programa que observamos é o de Universidades em que a quase totalidade do esforço acadêmico se faz apenas no campo do ensino; universidades em que a verba orçamentária é,

praticamente, na sua totalidade, destinada ao atendimento da docência'.

Não são, assim, privilégio das instituições pobres e particulares, os terríveis obstáculos e as atrasadas tendências. O que vimos e vemos nelas, é, apenas, um pálido reflexo do que se passa em todo o Brasil, eterna vítima de incompreensões, desmandos, inconseqüências e desajustamentos de toda natureza ...

* * *

É a Universidade da Bahia, indagaríamos agora? Ao Magnífico Reitor e seus assessores cabe dizer a palavra definitiva e correta. Pelo que me foi dado apurar, no entanto, se não estamos "numa boa" como expressivamente diria a juventude atual, não nos encontramos na pior. Se não nos colocamos na vanguarda, nela estaremos muito em breve.

Assim garanto, por um mundo de razões: antes de tudo, pela fortuna de termos à frente dos destinos da nossa Universidade um Reitor, à altura do seu posto, que, sobre possuir qualidades excepcionais de inteligência, bom senso, equilíbrio e coragem, tem aguçada sensibilidade pelos problemas da pesquisa, porque a ela se dedicou com devotamento e amor, por muito tempo, nas dependências, nada luxuosas, do Departamento de Fisiologia da antiga Faculdade. Depois, pelo imenso potencial humano de que dispomos: uma plêiade brilhante de pesquisadores - muitos de renome e fama firmados no Brasil e no estrangeiro - à espera, apenas, de maior estímulo, facilidades de trabalho, adequados salários, indispensável tranquilidade de espírito, para retomarem ou continuarem seu já acumulado labor que, suficientemente difundido e bem avaliado, dará à Universidade da Bahia o prestígio e a dignidade que merece. Por fim, a incorporação oficial da Pesquisa, como parte integrante ao lado do Ensino, à essência mesma da Universidade. Não mais aspiração, desejo vago de minorias esclarecidas; mas dispositivo de lei, formal, obrigatório, cuja execução plena, moral e materialmente, deverá ser um compromisso e uma obrigação do Governo.

Para justificar esse otimismo, já seriam mais do que suficientes as três razões apontadas. Duas outras, no entanto, melhor ainda o afirmam: a instituição de um órgão precipuamente destinado à organização de um sistema racional e amplo de trabalho dedicado à Ciência e a criação de uma "Fundação de apoio à pesquisa e extensão", no âmbito da nossa Universidade.

Com a primeira, já por mim lembrada, cuida-se da indispensável infra-estrutura, material e humana; traçam-se as linhas básicas dos entendimentos e convênios; evitam-se os desperdícios; cortam-se as duplicações; selecionam-se as prioridades; criam-se os estímulos; definem-se, por fim, os parâmetros técnicos e econômicos, além dos quais é sempre perigoso trabalhar.

Com a segunda, coordenada sob a vigilância arguta de Hernani Sobral, prende-se a Comunidade - a que mais beneficia com os avanços científicos - ao próprio corpo da Universidade, numa troca de serviço, em condições financeiras capazes de oferecer boa alternativa às verbas oficiais, mobilizando-as, com maior facilidade, complementando-as ou substituindo-as, quando deixarem de chegar a tempo e a hora.

Assim arrumados, com armamento definido, recursos materiais assegurados, bem se poderá criar uma obra séria, contínua e duradoura. Não mais ameaçada pelas aventureiras incertezas, nem à mercê de caprichos e tendências efêmeras ... Mas, com a certeza de que os obstáculos a surgirem, por certo, não terão a força do impasse, da parada e da falência: serão percalços naturais da jornada, geralmente benéficos, porque servem para entreter o espírito de luta, a têmpera do caráter, a chama vocacional dos que querem vencer os desafios, sem limites, da Beleza, da Perfeição e da Verdade.

* * *

Depois desse longo e monótono arazoado, que lições dele poderemos tirar? Por outras palavras, a que conclusão se chega? Aquela, conhecida e reconhecida, mas nem sempre lembrada e respeitada: a de que a pesquisa científica não é a bagatela, levianamente propalada, arranjo fácil e descompromissado, ao alcance de quem quer que tenha um título ou possua um diploma universitário. A pesquisa científica é uma tarefa de alta responsabilidade, difícil, complexa, séria e penosa; que só deverá ser executada por gente, longa e devidamente preparada; pelos que, sobre possuírem habilidade técnica principalmente e explicitamente no caso da Medicina - sejam dotados de pureza de espírito, nobreza de caráter e sólida formação moral; pelos bastante humildes para aceitarem críticas e oposições; pelos que contem com firme e bem organizada liderança intelectual; pelos que sejam capazes, enfim, de formular, redigir e obedecer a bem elaborados protocolos, fundamentados em dados estatísticos confiáveis, dentro de normas e preceitos internacionalmente reconhecidos como de absoluta validade.

Fugir dessas exigências é andar pelos desvãos do amadorismo, dos falsos caminhos, da superficialidade e do artifício; expor-se a cometer toda sorte de enganos e de erros, cujas conseqüências inimagináveis, podem ser imensamente prejudiciais e mesmo criminosas, porque anunciadas, difundidas e proclamadas em nome da Ciência.

* * *

Uma última pergunta: irreverente, provocadora e mesmo

cinica - se quiserem - mas nem por isso desprovida de lógica e de motivos; é justo, é razoável, é sensato, suportar tão pesados encargos, dispendir tempo tão precioso, investir somas fabulosas, para estimular e desenvolver a Ciência, quando se sabe que foi no seu ventre, generoso e fecundo que, sob o manto de benemerências mil, gerou-se o delírio monstruoso do tecnicismo atual, suicida e voraz, que a todos fere e ao mundo inteiro ameaça conturbar e destruir? !!

Não seria mais lógico, mais sincero e mais humano, cruzarmos os braços, desensarilharmos as armas e mergulharmos todos no supremo encanto da natureza, deixando o mundo entregue a si mesmo, correndo sozinho seus próprios riscos? ! ...

Não, mil vezes não, corajosamente afirmemos. Porque, é neste justo momento, quando a Humanidade atordoada e insegura se sente perdida na confusão, na desordem e no caos; quando ameaças apocalípticas, ondas amargas de ódio e de vingança parecem, irremediavelmente, nos conduzir ao total aniquilamento; é, exatamente, nesta hora que mais se precisa de um guia sereno e firme, um comando sábio e lúcido. E, nesse aterrador naufrágio, não tenhamos dúvida, a bússola verdadeira e única - sob o amparo de Deus, bem entendido - outra não pode ser senão a própria Ciência. Só ela tem condições de influir e corrigir as teratológicas deformações do pensamento; evitar o desmoronamento espiritual e social; romper as algemas da asfixia econômica; acabar com a fome, a miséria e a doença; anular e vencer, enfim e de uma vez por todas, as gigantescas, diabólicas e aniquiladoras energias, à sua custa, desumanamente forjadas e, subrepticamente, multiplicadas ao infinito.

Contanto que - e isso é fundamental, imperativo e indiscutível - seja uma Ciência digna, pura e construtiva; inspirada na fiel observação milenar e na exata experiência dos séculos: a serviço sempre do Bem, da Honra, da Paz e da Justiça. E não essa Tecnologia mercenária, egoísta, interesseira e mentirosa; instrumento poderoso e demolidor; responsável por toda espécie de corrupção, pela infâmia e pelo opróbrio, nas mãos assassinas e vingativas de déspotas e de tiranos; de minorias desalmadas e belicosas; de falsos carismas e imperialismos bárbaros, que humilham e aniquilam o homem no que ele tem de mais nobre e mais sagrado, que são as suas próprias liberdades. Só assim, com uma Tecnologia superior e depurada, e uma Ciência perfeita e sem jaça, teremos poder e resistência bastante para enfrentar e dominar as avalanches da maldade, dos vícios, da agressividade e do crime: nódoas terríveis e vergonhosas, capazes de empanar o brilho excepcional das conquistas fabulosas e o fascínio dos mirabolantes progressos da civilização atual.

Não deixemos, pois, que sombras carregadas e nuvens pesadas

turvem a limpidez serena e a luminosidade ímpar dos nossos horizontes. Não cubramos apressadamente de luto nossa alma por mais torturada e aflita que esteja. Não envolvamos em crepe os nossos próprios corações. Antes, cheios de esperança e de fé, repitamos com o maior de todos nós:

“Toda noite - tem auroras
Raios - toda a escuridão
Moços - Creiamos. Não tarda
A aurora da nossa redenção”!

SUMMARY

Considering scientific research as an essential element of the characterization, the life and the evolution of universities, the author of this paper intends to analyze its present situation among us. He begins by showing the falsehood of the concept of those who believe that the university was not made to produce knowledge, but only to transmit it. He points out that there is no incompatibility whatsoever between the teacher and the man of science. On the contrary, the teacher must be constantly willing to promote new knowledge, to discover new facts, and to experiment with new ways. Therefore, the author regrets the fact that scientific research, whether related to or not related to a professor's chair, has to face many obstacles in Brazil. To document his thesis, he relates facts connected with the life of the institution which he has created and directed for 43 years: the *Instituto Brasileiro para Investigação do Tórax (IBIT)*, a private enterprise foundation for no profitable ends. He mentions the difficulties encountered to raise funds for the construction and maintenance of its seat, including laboratories, libraries, and hospital. He calls special attention to the problems resulting from the acquisition and maintenance of the various apparatuses. He touches the core of the problem when he discusses the question of ultra-specialized manpower. Training of researchers abroad or visiting scientists from other countries to work with us? The whole problem would be solved, he believes, if there were ample, generous resources available. That is precisely what is lacking. Every university should be legally entitled to equal budget shares for teaching and research. Yet there is not a single one in the country that will assign in its total budget any more than 10% at most for the latter. This author is not a pessimist. And he, accordingly, exhorts the young people to believe in a better future, assured that future governments will lend their attention to the problem, for, otherwise, no country could think of itself as a civilized nation.

RÉSUMÉ

L'auteur, considérant la *recherche scientifique* comme fondamentale

Universitas (30): 3-16, maio/ago. 1982

dans la caractérisation, la vie et l'évolution des universités, se propose d'analyser sa situation parmi nous. Il commence par montrer la fausseté de l'idée selon laquelle l'Université n'est pas faite pour créer la connaissance mais pour la transmettre. Il indique qu'il n'y a aucune incompatibilité entre le professeur et l'homme de science. Le maître doit toujours promouvoir de nouvelles connaissances, prêt à découvrir de nouveaux faits, à essayer de nouveaux chemins. Il déplore qu'au Brésil, la recherche scientifique, liée au non aux chaires d'enseignement, rencontre d'aussi sérieux obstacles. Pour documenter sa thèse il rapporte des faits liés à l'institution qu'il diria crée et qu'il dirige depuis 43 ans: "L'Institut Brésilien pour la recherche sur le thorax" (IBIT), fondation d'initiative privée sans but lucratif. Il indique combien il a été difficile d'obtenir des crédits pour la construction et l'entretien de son siège de ses laboratoires, de ses bibliothèques et de l'hôpital. Il attire notre attention sur les problèmes d'acquisition et d'entretien des appareils. Il en arrive au centre du problème quand il discute la question de la main d'oeuvre sur-spécialisée: formation de chercheurs à l'étranger ou accueil de scientifiques d'autres pays venus travailler avec nous? Tout serait résolu si les crédits étaient amples et généreux. Et c'est exactement ce qui manque. De par la loi, chaque université devrait disposer de crédits d'un montant égal pour l'Enseignement et la recherche. Mais il n'y en a aucune qui destine à cette dernière plus de 10% tout au plus! Malgré tout, il n'est pas pessimiste. Il invite les jeunes à un lendemain meilleur, certain que les futurs gouvernements sauront donner au problème toute l'attention qui lui est due. Une nation négligente en ce domaine ne saurait se considérer, en effet, comme civilisée.